

submetida a uma dominação estranha, à obsessão de outras mulheres! As mulheres, que horror!

Constance teve prazer em encontrar-se com seu pai, do qual era filha diletta. Havia descido num hôtélzinho de Pall Mall. Sir Malcolm hospedara-se no clube; à noite ia ter com as filhas, que gostavam de passear com ele.

Bem robusto e belo ainda, embora um tanto apavorado com o mundo novo que surgia diante dos seus olhos. Casara-se na Escócia pela segunda vez, com mulher mais moça e mais rica, excursionava o mais possível, como no tempo da primeira esposa.

Constance estava ao seu lado, na Ópera, a observá-lo. Sim, cheio de corpo, mas não muito. Coxas fortes, sólidas e ainda ágeis; coxas dum homem, que não recusara nenhum prazer da vida. Seu egoísmo, seu bom humor, sua tenaz necessidade de independência, sua insaciável sensualidade — tudo ela como que via em suas coxas ágeis e firmes. Um homem de verdade! Mas envelhecia, o que é muito triste. Mas em suas pernas vigorosas, espessas, másculas, havia algo desse vivo poder de emoção e ternura que é a própria essência da mocidade e não se apaga nunca.

De súbito Constance compreendeu a significação das pernas. Pareceu-lhe que valem mais que o rosto, que possuem mais realidade. E como no mundo havia poucas pernas realmente vivas! Em geral, pernas gordas semelhantes a pudins embrulhados em toalhas; ou magros espeqes cobertos de pano funerário; ou então pernas moças e bem feitas mas sem nenhuma significação, incapazes de emoção, de ternura, de sensualidade. Nenhuma sensualidade como a que via nas de seu pai. Todas acovardadas a ponto de nem mostrarem vida.

E as mulheres? Ah! Oh, terríveis moirões da maioria das mulheres, revoltantes, dignos de inspirar massacres! ou os pobres espetos magricelas! ou as pernas bonitinhas dentro de meias de seda, mas sem o menor átomo de vida! Horroroso, isso de milhões de pernas insignificantes a se exibirem por toda parte.

Constance não se sentia feliz em Londres. Via nessa metrópole uma humanidade muito espectral, muito vazia. Nenhuma felicidade em todas aquelas criaturas, por mais vivas e encantadoras que às vezes parecessem. Tudo vazio e mor-

to. Cegamente, com uma avidez de mulher, Constance ansiava pela felicidade, pela certeza da felicidade.

Em Paris, pelo menos, encontrava um pouco de sensualidade — mas que sensualidade cansada, gasta, surrada! Gasta e cansada por ausência de ternura. Sim, Paris era triste, uma das cidades mais tristes do mundo, na sua sensualidade mecânica, na eterna caça ao dinheiro, ao dinheiro, ao dinheiro, apenas não sabia ser bastante americanizada ou londrificada para ocultar o seu cansaço num ringir mecânico! Oh! Todos aqueles machos, aqueles "flaneurs", aqueles seguidores de mulheres, de comedores de bons jantares! Como se mostravam cansados, gastos por falar dum pouco de ternura dada ou recebida! As mulheres, tão altivas, e às vezes tão encantadoras, tinham algumas noções das realidades sensuais — o que positivamente significava vantagem sobre suas colegas inglesas, tão tolas. Mas também entre as mulheres, nada de ternura. Ressecas, da infinita secura das vontades sempre tensas, elas também estavam gastas. Toda a humanidade estava gasta — e talvez fosse tornar-se ferozmente destruidora. Uma espécie de anarquia! Clifford e a sua anarquia conservadora! Talvez, breve, nem conservadora, sim a mais radical de todas as anarquias.

Constance começava a ter medo da gente. Só às vezes e por momentos sentia-se feliz nos bulevares, no Bois ou no Jardim do Luxemburgo. Mas Paris já estava cheio de americanos e ingleses — esquisitos americanos de uniformes fantásticos e ingleses fastientos, insuportáveis fora da Inglaterra.

A continuação da viagem deu-lhe prazer. Tendo sobrevivendo uns dias quentes demais, as duas irmãs resolveram atravessar a Suíça, passar pelo Brenner e entrar em Veneza pelos Dolomitas. Hilda gostava de guiar o carro, ocupar-se de tudo, representar os primeiros papéis; Constance só queria ficar na sombra.

Foi muito agradável a viagem, embora Constance amiúde repetisse a si mesma: "Por que motivo nada mais me interessa? Nem a paisagem! Estou como São Bernardo, que atravessava de bote o lago Lucerna sem sequer perceber que aquilo era água entre montanhas. Não me interessa pela paisagem. E se me forcem a admirá-la, recuso-me a isso."

Sim, ela não achava nada vital, nem na França, Suíça, nem no Tirol, nem na Itália. Deixava-se levar como simples